

Rorschach e Psicopatologia (*)

ISABEL BERNARDO FERNANDES (**)

Rorschach - *o que é?* Diria que é uma lâmina laboratorial da percepção. Com características constantes, objectiváveis, mas com a vantagem *necessária* de exigir uma contribuição pessoal explícita. A questão «O que vê aí?» vai proporcionar que, pela diferença, se caracterize o acto perceptivo e que, ao compreender-se o porquê das respostas diferentes, se caracterize as personalidades que as proporcionam.

Um psicólogo *projectivista* é certamente alguém que, ao longo dos anos do seu trabalho não só *compreende*, como *verifica*, no sentido experimental do termo, que a objectividade é um ponto de encontro fugaz. Aquilo a que chamamos *conhecer*, e que pressupomos ser (*mais* ou *menos*) partilhável, evidencia-se como uma construção subjectiva, com mais ou menos ingredientes idiossincráticos, consoante as características de quem conhece e daquilo que é conhecido. No princípio do interesse pela metodologia projectiva pode estar a perplexidade perante a questão básica: «Porque é que surgem juízos de valor tão diversos perante um mesmo objecto perceptivo?» Perante uma parede amarela, azul ou encarnada, ou um botão, ou um vestido, podem surgir expressões de maior ou menor interesse, de maior ou menor agrado, dando-nos a saber que, com certeza, não vemos todos *igual*. Esta ilação

simples que se retira da vida do dia-a-dia, que se retira dos desencontros estéticos é alargável, é generalizável a toda a forma de comunicação humana (seja ela estética, ética, política...). Cada um de nós filtra a informação recebida por características próprias, culturais e de personalidade.

Perante um material perceptivo como o Rorschach, constante, multiforme, multicromático, exigindo uma construção por parte do sujeito para poder satisfazer as instruções, o que verificamos? Verificamos que não surgem dois protocolos (ou conjuntos de respostas) iguais e que as diferenças se explicam porque, para cada um, os elementos a construir (os *mesmos* para todos) vão ser valorizados, vão ser investidos, vão ser *percebidos* de modos diferentes.

De imediato, a intuição (?) extraordinária de H. Rorschach soube analisar o material e dissecar as respostas de modo a descodificarmos diferentes aspectos que são a base interpretativa da situação e que nos permitem compreender o *como* e o *porquê* das diferenças. Assim, e todos o sabem, penso, as respostas são analisáveis quanto à localização (que parte da mancha foi eleita pelo sujeito? o todo? uma parte vista frequentemente? uma parte isolada raramente? o branco e não a mancha?...), quanto aos determinantes (que característica da mancha justifica a resposta? a forma ou contorno?... e adequa-se?... a cor?... e que cor?... ou o movimento, que não está lá mas que é lá posto por quem responde?), quanto ao conteúdo (a que categoria pertence o que foi percebido? ser humano? animal? botânica?... para que temática remete? – de autoridade,

(*) Comunicação apresentada no VIII Seminário AEISPA, Lisboa, ISPA, Julho de 1993, e dirigida a estudantes em iniciação no Rorschach.

(**) Assistente Convidada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

de dependência, de agressividade...? - ou será que não remete?).

As características da personalidade do sujeito vão traduzir-se ou inscrever-se no modo como ele utiliza estes (e ainda outros) aspectos na satisfação das instruções, isto é, na construção do objecto-resposta. Vão mostrar como é que ele «apanha» a realidade, como a trata e como a devolve ao outro e a si próprio.

Este é, afinal, o critério base para avaliarmos a presença ou ausência do que chamamos saúde mental.

O Rorschach tem uma dupla característica que o torna um instrumento de trabalho apaixonante em psicopatologia: não só nos permite compreender que alguma coisa, que coisa, não está bem em determinada personalidade, como nos dá a ver o *porquê* – possibilitando-nos uma aproximação maior do funcionamento humano, i.e., do objecto da psicologia.

Quais as características base do Rorschach que vão receber a projecção da personalidade e permitir a sua análise? As manchas do Rorschach constituem-se numa *estrutura aberta*, não figurativa, portanto, realçadas num contraste forma/fundo e distribuídas simetricamente à volta de um eixo central. O facto da sua estrutura ser aberta (isto é, a definir por cada um) não impede que haja manchas ou partes de mancha que, com grande frequência, são identificadas com determinado percepto (as respostas banais – entre as quais a borboleta se tornou o símbolo do próprio teste), e menos significa que as linhas que as compõem não possam ou devam delimitar, segundo o delinear de cada um, formas objectivamente correspondentes aos mais variados perceptos (as F+). Estas primeiras características vão possibilitar o estudo das respostas do sujeito relativamente à qualidade da sua relação com o real, à sua eficácia intelectual, à sua partilha do social: será que aquilo que ele vê tem um suporte objectivo? E será que ele vê aquilo que para a maioria das pessoas está lá?

A distribuição das manchas à volta de um eixo central é comum a todas e consequência, como sabem, da sua forma de construção. Algumas delas são mais densas, com um eixo bem definido (I, IV, V, VI, IX) favorecendo a projecção do corpo humano; outras mais dispersas, de configuração bilateral (II, III, VII, VIII), vão evocar a representação do relacional. Por outro

lado, elas diferenciam-se também pelo seu carácter aberto (I, II, III, VII, VIII, IX, X), associadas simbolicamente à representação do feminino, do materno (caso da VII e da IX e da I e II também) e pelo aspecto fechado, compacto, com alguns apêndices salientes tradutores de referências fálicas (IV e VI). A estas há que acrescentar as características cromáticas ou sensoriais dos cartões que evocam respostas em forma de afectos, de emoções e também de sensações.

O predomínio do negro-cinza-branco pode induzir associações depressivas, manifestações de ansiedade, de angústia, (principalmente nos cartões cinza-negro – I, IV, V, VI – o que corresponde culturalmente às cores da tristeza e do luto) ou reactivar sentimentos de vazio (a partir do branco). A presença do vermelho nos cartões (II, III) pode desencadear movimentos pulsionais, relativos à agressividade ou à sexualidade (há uma correspondência cultural entre o vermelho, cor do sangue, e as emoções violentas). As cores pastel (VIII, IX, X) são consideradas indutoras de afectos, desencadeadoras de respostas que mostram a qualidade das relações estabelecidas com o meio.

É, pois, nesta matriz de projecção, caracterizável a partir de qualidades objectivas, manifestas, e de outras latentes, evidenciadas na prática da aplicação e compreendidas a partir de analogias formais e pictóricas que as ligam ao simbolizado, que a personalidade se vai manifestar.

Vejamos então:

I cartão – «Isto talvez um pássaro. Dá a sensação de ser um pássaro a voar.» Inquirido: «Dá a sensação de ser o esqueleto de um pássaro. Porque não tem a cabeça. Não estou a ver a cabeça, estou a ver ossos (detalhes centrais superiores – D1)»¹ «Aqui o corpo, as asas...»

Trata-se de uma resposta dada globalmente, de boa qualidade formal, à qual se associa um movimento animal e de conteúdo muito frequente neste cartão. É uma resposta banal (pássaro). *Mas*, ao atendermos ao inquirido, esta

¹ As localizações são esclarecidas com a numeração retirada de J. E. Exner (1989), *A Rorschach Workbook for the comprehensive System*, Rorschach Workshops, Asheville, NC.

adaptação aparente revela-se falsa e o que sobressai é um ilogicismo não criticado, derivado de uma contaminação do exterior pelo interior, como se não houvesse barreiras entre um e outro, como se não existisse o princípio da realidade nem o da não contradição: *é pássaro e voa, mas também é esqueleto e não tem cabeça.*

II cartão – «Isto é um pássaro cheio de sangue... Talvez tivesse sido agredido. Algum caçador que tivesse atirado e que ele esteja a deitar sangue, que ele esteja a cair...» Inquérito: «Vejo sangue aqui no meio, seriam os chumbos (vermelhos no negro) e o sangue a sair pelo rabo (vermelho inferior/D3) e sangue a saltar (em cima/D2)» (pássaro porquê?) «Vejo também aqui as asas (D negros laterais/D1) e a cabeça à frente (D central superior/D4). Focam mais as asas, o corpo ficou em branco. Há pássaros que têm o peito branquinho.»

É uma resposta global, integrando o branco, com uma extrema sensibilidade à cor, atendendo, no entanto, ao suporte formal, mas com uma forma errónea, não ajustável (F-). É caracterizada por uma expressão pulsional crua, directa (o sangue) num movimento projectivo fortíssimo, totalmente perturbador da sua relação com a mancha, i.e., com o mundo, com o real.

Ainda outra resposta no I cartão – «Isto é um borrão. É uma imagem que não tem uma coisa definida.» (Com o que se parece?) V «Uma imagem humana. Um bocado de corpo humano. Ou seja, a parte de trás, a parte da frente ou a parte de trás.»

A que registo de funcionamento pertencerão estas respostas?... Ilogicismo, inadequação ao real, projecção directa de movimentos pulsionais, imagem de corpo fragmentado, sem vida, incapacidade de simbolização, de funcionamento transicional, isto é, incapacidade de investir o objecto com características pessoais, permitindo a comunicação dos dois mundos interior e exterior a si, mas salvaguardando a sua independência relativa.

Naturalmente que se trata do funcionamento psicótico que, no Rorschach se evidencia por respostas de má qualidade formal (relação com o real alterada), por respostas em que, por vezes, a cor pode tomar o lugar dominante (traduzindo a falha de contenção de movimentos pulsionais), por respostas quinestésicas ou de movimento, com valor interpretativo ou delirante; por respos-

tas de conteúdos específicos, evocando a ausência de representação da integridade corporal; por localizações vagas, arbitrárias, mal definidas (respostas globais mal organizadas, muitos Dd em recortes raros ou bizarros e D% baixo). A verbalização aparece muitas vezes confusa, desordenada, bizarra. Os mecanismos de defesa fundamentais: a projecção, a clivagem, a recusa da realidade têm a sua tradução directa nestes protocolos.

II cartão – «Aqui... parece uma rocha, um buraco lá dentro como se fosse a água e as cordas de vermelho a dizerem que havia perigo.» Inquérito: «A rocha é a parte negra, o vermelho é a dizer que é perigoso (todo o vermelho: superior, inferior, sobre o negro). Como na Boca do Inferno (...) para as pessoas não se debruçarem (...). Mas as pessoas são teimosas e acabam por cair lá dentro e morrer. O buraco aqui (branco central/DS5), imagino água lá dentro. O vermelho é a avisar que as pessoas NÃO SE APROXIMEM (diz soletrando, chamando a atenção).» É uma resposta global, incluindo o fundo ou o branco, em que as cores são o suporte de toda a construção, servindo a forma apenas para apoio, e sendo a sua qualidade vaga ou mesmo inadequada, se pensarmos no percepto corda localizado no vermelho. Trata-se de uma resposta de grande labilidade, com interpretação imediata da mancha, de uma forma original, traduzindo sugestionabilidade pelo recurso imediato à cor, e uma carga dramática importante. Resposta símbolo do próprio interdito e do perigo de morte se o infringir. Diria mesmo símbolo do próprio recalçamento: há o interdito da aproximação, como se o ver, o olhar de perto, o reconhecer fossem o perigo maior...

VIII cartão – V «Aqui é um vaso com flores. Vejo um vaso com flores das mais bonitas que há. Não é urtigas, ajude-me lá... Orquídeas. É lindo, lindo, lindo.» Inquérito: «Vaso (detalhe superior/D4), terra (detalhe central/D5), flores (detalhe inferior/D2). Folhas caídas (detalhes laterais/D1).» (Se fosse escuro veria o mesmo?) «Não, as cores tiveram muita influência.» (Aqui – nos rosa laterais – não consegue ver mais nada?) «Não têm nexos. Não consigo.»

Inverte o cartão, num movimento provavelmente tradutor do impacto da coloração diferente, e dá uma resposta global onde a cor é im-

portante e onde o apoio formal não obedece a um critério rigoroso. Utiliza uma verbalização exuberante, com uma adjectivação excessiva... Dirige-se directamente ao psicólogo, interpelando-o, anulando distâncias, num movimento de tipo narcísico. Não vê a resposta banal (animais, nos rosa laterais) porque a sensibilidade ao aspecto cromático, tradutora da sensibilidade ao meio envolvente, é tão forte que se torna dificultante ou mesmo impeditiva de uma abordagem objectiva.

E aqui?... Trata-se de respostas de uma personalidade neurótica histérica. Como sabem, o funcionamento dominante destas personalidades caracteriza-se pelo recurso a elementos da realidade interna (em particular os afectos) como defesa contra a emergência de outros elementos dessa mesma realidade interna (as representações).

A sua tradução directa no Rorschach é dada por um recurso intenso às manifestações sensoriais, com um TRI (tipo de ressonância íntimo) extratensivo (em que o somatório de respostas cor é superior ao das respostas de movimento humano); grande sugestionabilidade demonstrada pela sensibilidade às variações do estímulo e, sobretudo, às mudanças cromáticas; preocupação de manter a realidade à distância, com recurso frequente a localizações globais, vagas ou impressionistas; prevalência da reactividade subjectiva, com utilização limitada do determinante formal e F+% baixo, e uma tradução geral da labilidade, a partir da linguagem repleta de comentários, de adjectivações, de associações, de jogos de palavras... Há ainda a utilização de um simbolismo transparente. Tudo isto está de acordo com o mecanismo de defesa próprio: o recalçamento.

VIII cartão (a pessoa refere que há um reflexo de luz sobre o cartão que interfere na apreciação. Ajusta-o.) «Deu-me a sensação que instantaneamente, quando vi instantaneamente, deu-me a sensação de uma nave espacial, ficção científica. Portanto, isso. Agora de resto, observando melhor... Está giro, estou a ver aqui... Parece-me um cão, com o focinho aqui, as patas aqui e a cauda para trás e do outro lado a mesma coisa. E vejo novamente, aqui, esta parte de baixo, vejo uma borboleta bonita. E a parte de cima dá a sensação de ser uma (sorri), uma aeronave espacial do gé-

nero de ficção científica. Mas não muito agressiva.» Inquérito: (Nave espacial?) «Foi o aspecto geral, não sei porquê (no todo).» (Cão?) «Também me pareceu um lobo. Parece lobo pelo corpo que é forte, tem um corpo forte, portanto volumoso. Demais para ser cão. E, por outro lado, o aspecto do focinho não me parece nem de cão, nem de lobo, mas sim de um animal felino. Talvez uma pantera. Pelo aspecto do focinho. (nos rosas laterais/D1).» (Borboleta?) «O corpo central e as duas asas (no detalhe inferior/D2)» (Bonita?) «Talvez pelo formato das asas em si e também me dá outra vez o mesmo aspecto - um aspecto nobre e de..., como hei-de dizer?... de leveza, de suavidade...» (Aeronave espacial?) «Toda esta parte azul (detalhes central e superior/D4 e D5) faz lembrar o aspecto de uma aeronave espacial - isto é o corpo da nave e aqui de lado seriam as asas... como um avião.» (Não muito agressiva?) «Talvez pela cor, não ser uma cor forte, ser uma cor suave... e... por um lado também... agora estou a ver outra coisa. Olhando agora dá-me o aspecto de ser uma nave espacial de guerra, pelo formato. Há bocado disse não agressiva talvez porque não vejo mísseis ou quaisquer armas...»

Verbalização prolixa, pesada, densa - utiliza a ruminação (falar muito com pouca utilidade...), a dúvida, a hesitação, as precauções verbais (*parece-me, deu-me a sensação, talvez...*). Há uma fixação no aspecto formal da mancha, expressão mínima de afecto, referência ocasional à cor. Preocupação com os detalhes. Denegação (afirmar, negando: «Mas não muito agressiva»), curiosamente pouco eficaz e *desmascarada* pelo próprio no inquérito.

Trata-se, claramente, de uma resposta de um neurótico obsessivo. A neurose obsessiva traduz-se no Rorschach, sobretudo pela elevação do F%, de acordo com as preocupações descritivas; por uma quase ausência de respostas cor, significativa de uma expressão mínima de afectos (o que conduz a um TRI introversivo ou coarctado, isto é, com predomínio de respostas de movimento humano ou sem presença destas nem de respostas cor); por algumas respostas F± (que remetem para perceptos sem forma definida), tradutoras de dúvida; pela fixação nos detalhes, confirmada pela utilização de D, sobretudo de Dd; e ainda por respostas globais, organizadas e dissecadas em pormenor, num esforço de domí-

nio do material. A verbalização característica coincide com a apresentada. Os mecanismos de defesa próprios são a *isolação* (isolação entre representações e afectos: F% elevado), a *anulação* (de pensamentos, palavras, actos por um comportamento com um significado oposto), a *formação reactiva* (p. ex., atribuição de delicadeza, cortesia a uma representação relacional, negando-lhe o carácter de conflito, agressivo ou libidinal), a *denegação*.

Portanto, o que caracteriza este funcionamento é a utilização dos dados perceptivos do material, com o objectivo de evitar ou de minimizar o aparecimento de elementos em relação com a realidade interna do sujeito.

VI cartão – «Um animalzinho que está sob as ordens de um animalzão.» Inquérito: «Animalzinho (no detalhe superior/D3), animalzão (no detalhe inferior/>D1)» (algum animal em especial?). «A depredação em geral. Ou a raposa com o coelho, ou qualquer coisa.» (como vê?). «É mais a ideia – cabeça e coisinhos, que ele pode ser também um animal extraterrestre. E aqui animalzão. Tem a sua configuração de animalzão, tem aquelas duas tenazes.» (pequenos detalhes inferiores/Dd21).

E aqui do que é que se trata? Trata-se de uma resposta exemplar de uma organização limite da personalidade, para quem a clivagem e também a idealização e a identificação projectiva são os mecanismos fundamentais.

A *clivagem* é uma operação defensiva pela qual se mantém separadas as representações do bom e do mau objecto e da boa e da má representação de si. Uma das traduções no Rorschach situa-se ao nível da temática e consiste na identificação de perceptos ou muito positivos ou muito negativos, por vezes com sobreposição na mesma resposta de imagens hiperpositivas e hipernegativas – significa uma percepção contrastada, maniqueísta, em que o não acesso à ambivalência de sentimentos é a característica fundamental. A *idealização*, que tem como função preservar a qualidade excepcionalmente positiva de um objecto, pode revelar-se pelo afastamento espaço-temporal dos perceptos, evitando assim qualquer contaminação possível (p. ex., damas antigas ou extraterrestres). A *identificação projectiva*, que tem como objectivo a expulsão de imagens, de si e do objecto, totalmente más e

agressivas (desenvolvendo objectos perigosos dos quais o indivíduo se tem que defender e, portanto, pode atacar), manifesta-se em respostas sustentadas por uma agressividade oral intensa (dentes, p. ex.), na evocação de personagens maléficas (como monstros), associadas à presença de um bestiário inquietante.

Voltemos à resposta. Trata-se de uma resposta exemplar de *clivagem* – num lado o bom, no outro o mau. De um lado o que domina, do outro o dominado. É a tradução do maniqueísmo como filtro de apercepção do mundo relacional («depredação»). Temos a presença de um mecanismo de *identificação projectiva*: atribuição do sufixo *ão* («animalizã»), significativo da agressividade pronta a exercitar-se a partir da interpretação de um pequeno detalhe («duas tenazes»). Temos também um movimento de *idealização* ao considerar a possibilidade do «animalzinho» ser extraterrestre, e, por isso bem longe das fontes de contaminação passivas de o deteriorar. Para além disto, a falta de investimento nos limites formais produzindo uma resposta de qualidade vaga, imprecisa, está de acordo com o esbatimento do Eu, também próprio deste funcionamento.

É ainda característica deste grupo o aparecimento do funcionamento em processo primário, observável em respostas de má qualidade formal ou logicamente inaceitáveis (como se de origem psicótica), mas para, logo de seguida, ser recuperado e dar lugar a uma expressão de melhor adequação ao real.

CONCLUSÃO

Neste percurso procurámos exemplificar, de uma forma necessariamente sucinta e lacunar, como é que o Rorschach, ao ser matriz de processos psicológicos tradutores de características fundamentais da personalidade, pode originar a revelação dos funcionamentos considerados patológicos, e gostaríamos que este processo ficasse claramente integrado no facto de ser o Rorschach um espaço que permite traduzir o fenómeno da apercepção, o fenómeno do conhecimento, no seu sentido mais lato.

Chamo a atenção para o facto de só um conjunto de respostas, isto é, de apenas um protocolo no seu todo nos autorizar a pronunciarmos sobre a organização da personalidade que lhe

deu origem. Só muito raramente uma única resposta é significativa dessa organização. O que aqui se fez foi um trabalho de ilustração.

Na continuação da introdução, gostaria ainda de salientar que, naturalmente, as diferenças relativas à elaboração perceptiva são mais notórias quando consideramos grupos patológicos (uma das suas características é, exactamente, o desvio em relação à norma). No entanto, a verdade é que numa população considerada normal as diferenças entre sujeitos são evidentes, e isso é que permite que o Rorschach funcione, podendo nós tender a concluir sobre a solidão relativa do percurso humano (afinal a fundadora da individualidade e da criatividade) e da miragem que é o (re)conhecimento objectivo.

BIBLIOGRAFIA

- Chabert, C. (1983). *Le Rorschach en clinique adulte – interprétation psychanalytique*. Paris: Dunod.
- Chabert, C. (1987). *La psychopathologie à l'épreuve du Rorschach*. Paris: Dunod.
- Fernandes, I.B. (1989). O funcionamento narcísico e as organizações limite da personalidade no Rorschach. In *Caderno do Seminário sobre Rorschach e Mecanismos de Defesa*, pp. 50-103, Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia, Secção de Avaliação da Personalidade.
- Fernandes, I.B. (1991). Estudo comparativo da projecção no Rorschach e no TAT com um grupo de sujeitos esquizofrénicos. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 27: 39-45.

RESUMO

Nesta comunicação, pensada sobretudo em função

de estudantes com conhecimentos iniciais sobre o Rorschach, pretendeu-se mostrar «porquê» e «como» o psicodiagnóstico funciona enquanto revelador de características fundamentais da personalidade e procura-se situá-lo como instrumento importante para uma aproximação da teoria do conhecimento. Caracterizam-se, depois, os modos de resposta de quatro grupos psicopatológicos (esquizofrenia, neurose histérica, neurose obsessiva, organização limite) a partir das respostas exemplares retiradas de um trabalho de investigação em curso.

ABSTRACT

By this communication, conceived primarily for students with initial knowledge about the Rorschach, we intend to show «why» and «how» the psychodiagnostic works as a revealer of the essential characteristics of the personality; at the same time we attempt to situate it as an important instrument for the theory of knowledge. Then we characterize the answers of four psychopathological groups (schizophrenics, hystericals, obsessives and borderlines) based on same typical answers gathered from our research in progress.

RESUME

Par cette communication, conçue principalement en fonction d'étudiants à peine initiés au Rorschach, on a voulu montrer «pourquoi» et «comment» le psychodiagnostic fonctionne en tant que révélateur de caractéristiques fondamentales de la personnalité; on essaye aussi de le situer comme un instrument important pour l'approche de la théorie de la connaissance. Ensuite, on caractérise les formes de réponse de quatre groupes psychopathologiques (schizophrénie, névrose hystérique, névrose obsessionnelle et organisation limite) à partir de réponses exemplaires puisées dans un travail de recherche en cours.